

Caríssima Marta,

Estou no meio da viagem. Que viagem!! Poderia não tê-la feito...

Você ocupou um lugar diferenciado nesse percurso. Escrevo nessa parte porque foi o momento em que quase voltei para casa. Similar ao Severino retirante (aquele de Morte e Vida Severina, dos versos de João Cabral de Melo Neto, musicado pelo dono dos olhos cor de ardósia, tão lindos) cheguei num ponto e a cartografia que possuía confundiu-me. Encontrei trilhas embaralhadas e tentando seguir uma ou outra voltava ao mesmo ponto onde me encontrava: uma encruzilhada. Sentei por puro cansaço e quase odiei a paisagem ao redor.

Lembrava daqueles chás que tomamos juntas e dos seus indicativos para ultrapassar alguns percalços desse meu caminhar. Mas, aqui, sozinha... Primeiro quis voltar para casa e devolver-lhe o bilhete da passagem. Depois fiquei enfurecida comigo, peguei os meus “mapas” e segui uma das trilhas. Escolhi a que tratava o livro “A Criança Problema” como um livro muito desejado pelo autor, mas que não circulou como ele tanto queria. Seguindo a trilha apreendi a forma didática de um “manual” e as intenções do autor, ao escrevê-lo, de que fosse um tratado. Tive que dialogar com editores, na verdade dialoguei com uma dona de Editora. Resolvi chamar essa parte de “Um Livro: Caminho e Crenças”. Poderia ser somente “As Crenças contidas em um Livro”, mas fiquei com o primeiro nome. Coisas de viajante.

Ah! Resolvi, como Severino Retirante, não me atirar do beiral.

Adir

CAPÍTULO IV- UM LIVRO: CAMINHO E CRENÇAS

“Bem, é que no nosso país”, disse Alice, ainda um pouco ofegante, “o mais certo seria chegar a outro lugar – depois de correr tanto como fizemos”.

“Um país muito lento!”, retorquiu a Rainha. “Não, aqui, como vês, é preciso correr o mais que pode para ficar no mesmo lugar. Se quiseres ir para outro lugar tens que correr, pelo menos, duas vezes mais depressa!”

(Lewis Carroll, Alice do outro lado do espelho)

4.1- O Livro “A Criança Problema”

O livro “A Criança Problema” foi escrito com a intencionalidade de circulação no campo educativo e na sociedade de maneira ampla.

Pensar um livro como fato social e como mercadoria o torna objeto de inquérito do pesquisador. Considerando livros como determinada forma de impresso pedagógico, torna-se, nessa dimensão, compreendido como fonte e objeto (CHARTIER, 1990). Porém, pensar a história do livro e, também, pensar a dos sujeitos leitores. *São suportes em que se materializa a ação pedagógica, tornando as suas condições de produção uma parte constitutiva do processo de sentidos construídos [...] (CHAVES, in MAGALDI E XAVIER, 2008, p. 60)*

Nessa perspectiva, o Livro “A Criança Problema”, é o resultado dos cinco anos em que Arthur Ramos chefiou o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, do Instituto de Pesquisa Educacional. Lançado em primeira edição em 1939, dedicado à sua mulher Luiza Gallet, professora e pesquisadora do Folclore Nordestino, particularmente as Rendas de Bilro.

Ramos homenageia: *Luiza, estas são as histórias que eu lhe prometi um dia. Histórias reais daquelas mesmas crianças, incompreendidas e infelizes, que você conheceu nos seus tempos de menina na escola Deodoro. (RAMOS, 1939: p.3).*

O autor retoma, neste livro, o tratamento discursivo encontrado em outros escritos de sua autoria, mais uma “característica” do que um “estilo”. Na primeira obra de maior vulto, sua Tese de Doutorado, “Primitivo e Loucura”, defendida na Faculdade de Medicina da Bahia, dá o mesmo tratamento: sinaliza a obra como inacabada. O inacabado, para Arthur Ramos, era justificado nos atos de escrita nomeando-os de “distância entre o planejado e o realizado”.

Tratei o livro “A Criança Problema” como fonte/objeto, traçando a hipótese de que, para o autor, o livro, para além da homenagem, ocupou o lugar de tática e estratégia, no sentido conceitual cerotoniano.

Enquanto o primeiro é “a ação calculada, determinada pela ausência de um próprio” (p.100), o segundo é um “‘lugar’ suscetível de ser circunscrito como ‘algo próprio’ e de ser a base onde se podem gerir as relações de ‘exterioridade’ de alvos ou ameaças” (p.99). Se a estratégia é o “poder do saber”, a tática é a “arte do fraco”. Nessa ausência de poder há, entretanto, espaço para a astúcia em que é permitido “dar o golpe” em direção a alguma mobilidade e de onde ainda é possível obter algum benefício (CHAVES, in MAGALDI & XAVIER, 2008, p.61)

Advertindo o leitor sobre suas “limitações”, declara seu intento, não realizado, que o livro “A Criança Problema” fizesse parte de um tratado, junto com outros volumes.

O presente volume não abrange todos os resultados recolhidos. Está apenas uma parte do labor realizado.
O material recolhido e estudado pelo Serviço comportaria assim um Tratado mais ambicioso, que teria o título geral de “A Higiene Mental na Educação”, a ser subdividido nos seguintes volumes:
(1º) “A Criança Problema – A higiene mental na escola primária”;
(2º) “A criança pré-escolar” – a higiene mental na escola pré-primária”; 3º) “A higiene mental do adolescente”;
(4º) “A higiene mental dos distúrbios da linguagem”;
(5º) “A assistência médico-pedagógica aos anormais escolares”.
(RAMOS, 1939: p. IX)

Enviando o livro a outros intelectuais, um “modo de agir” dos intelectuais junto ao círculo de pares, do cenário da época, possivelmente deve ter sido lido pelos destinatários. Há nessa “divulgação” uma “tática” de produção de laços de solidariedade com o autor e o Serviço

De fato, o estudo das obras não deve nunca ignorar a “materialidade do texto”, entendida como a relação, visível na página impressa ou através da *performance* teatral, entre os dispositivos formais e categorias discursivas. Vê-se daí, em minha opinião, a utilidade do conceito de representação, que permite que se designem pertinentemente as diversas modalidades de apresentação do texto, do mesmo modo que designa as identidades sociais ou a autoridade política (CHATIER, 2002, p.97)

À primeira edição, publicada após a exoneração de Ramos do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, em julho de 1939, o autor incorpora nas posteriores – três ao todo - um prefácio ao livro, sendo Anísio Teixeira o único intelectual diretamente citado. O prefácio é o único acréscimo feito ao livro, o conteúdo da primeira edição é mantido em sua integralidade.

Perdoe-me Anísio Teixeira se reproduzo ainda aqui suas expressões bondosamente enfáticas sobre “A Criança Problema”: ‘Um dos maiores livros de educação escrito entre nós. Quando o estudioso de 1980 procurar saber o que se fez na década de 30-40, deter-se-á assombrado diante da sua obra. Você é dos poucos entre nós que está realmente trabalhando o futuro. O seu livro viverá para demonstrar quanta coisa boa e séria e de alcance se poderia fazer se fosse maior e mais seguro o campo de esclarecimento e de cultura geral’ (RAMOS, 1955, 4ªed. p.9)

Anísio Teixeira, Diretor de Instrução Pública autor do ato de nomeação de Arthur Ramos para chefiar o SOHM, havia lido o livro em seu exílio em Caetité, após deixar, sob fortes pressões políticas, o cargo em 1935. Ramos não deixa, no prefácio, de tornar pública a avaliação feita pelo autor desta leitura.

Não tendo o livro tido retificações ou acréscimos textuais, no seu conteúdo, produz singularidades ao favorece leitores atentos e estudiosos abordarem um material de pesquisa em seu conteúdo original, e assim poderem constituir seus próprios repertórios de leitura e interpretação.

O movimento de construção de repertórios de escrita e de leitura, para Pierre Bourdieu, contraria qualquer espontaneísmo.

Interrogar-se sobre as condições sociais de possibilidade da leitura significa interrogar-se não só sobre as condições sociais de possibilidade das situações em que se lê [...] mas também sobre as condições sociais de produção dos *lectores* [no sentido medieval de leitor erudito]. Uma das ilusões *do lector* é a que consiste em esquecer

suas próprias condições sociais de produção, em universalizar inconscientemente as condições de possibilidade da sua leitura. (BOURDIEU, in CHARTIER, 2002, p. 110)

No prefácio incorporado o autor reafirma.

Nada alterei no texto desta 2ª edição. Em essência nada realmente haveria de modificar, senão a acrescentar ou ajustar. Preferi não fazê-lo. Deixei ao volume a espontaneidade algo abrupta da sua 1ª edição. Os estudos recentes que se têm levado a efeito em outros setores, confirmam as vistas por nós expendidas neste livro pioneiro de Higiene Mental, entre nós. Os problemas da criança só podem ser compreendidos no mundo atuante dos seus círculos de famílias e sociedade. (RAMOS, 1955, 4ª ed.p.9)

Para além da homenagem e reconhecimento de Anísio da importância do livro perguntamos: para que o livro foi escrito, para quem? Qual o sentido do livro em sua contemporaneidade, isto é, seu significado e seus efeitos nos idos de 1939, quando é lançado pela primeira vez?

Um indício do para que foi produzido e seus efeitos quando lançado pela primeira vez, fornece pistas esclarecedoras se o relacionarmos à sua circulação. No prefácio, anexado já na segunda e terceira edições, ambas de 1947, e na última (1951), o autor informa ao leitor.

Ao sair a público a primeira edição deste livro, já o seu autor havia deixado a direção do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, que fundara. Uma série de circunstâncias adversas tornou impossível a continuação de um serviço que só estão começava a dar seus primeiros frutos. Pensava em sair da fase de experimentação, em que estávamos, para alargar a toda a população escolar do Distrito Federal a ação do Serviço [...] Se o livro, agora em segunda edição, não teve pelos motivos apontados, nenhuma repercussão nos meios oficiais então responsáveis pela educação no Distrito Federal, foi recebido com carinho e palavras de louvor por aqueles que lhe compreendam a mensagem cheia de calorosa e sincera simpatia humana (p.7/9)

Nas palavras do próprio autor o livro não circulou nos “meios oficiais”. Acreditamos que “meios oficiais” não são somente as escolas públicas nas quais o SOHM atuava, mas diz também da não distribuição eficaz por parte da Editora e, conseqüentemente, circulação pífia.

Em 1939 Arthur Ramos já havia sido preso pelo DOPS¹ e, ainda fazendo parte do governo a este não aderiu como um técnico sem ação política; afora o livro narrar as ações de um Serviço do projeto anisiano em tempos de “esquecimento” do mesmo.

Para além do meu exercício “imaginativo” das razões da ausência de circulação do livro, o fato é que o mesmo não circulou.

Tal situação editorial trouxe dificuldades ao objetivo estratégico de ampliar o raio de ação de uma determinada ordenação de práticas escolares alargando as relações da escola ao abordar às famílias das crianças e seus lugares de moradia. Também significou dificultar a meta de reforçar essas relações, como pensadas pelo autor.

Observando a capa e o subtítulo do livro, notamos alterações tanto na capa como no subtítulo, ao longo das quatro edições. A primeira capa prioriza foto do próprio autor, trazendo o subtítulo “A Higiene Mental na Escola Primária”. Nas edições subseqüentes a capa muda para foto de crianças em sala de aula; na segunda e terceira edições lemos como subtítulo “Estudos de Psicologia Social”. Retorna o subtítulo da primeira – A Higiene Mental na Escola Primária - somente na capa da quarta e última edição.

A mudança no subtítulo, possivelmente, tem ligação aos momentos de edição e reedição do mesmo, já que novas edições produzem novos efeitos, tornando interessante para Ramos ressaltar um ou outro campo de conhecimento trabalhados no texto. De maneira mais intensa, encontramos discussões travadas com a antropologia e psicologia social, campos de saber nos quais o autor transitava. *A credibilidade do texto é, pois produzida através da autoridade social de quem certifica a veracidade da história contada e que, pela sua condição, é considerado digno de crédito. (CHARTIER, 2005, p. 99)*

O primeiro subtítulo traria como significado a importância do primeiro Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental ligado às escolas públicas e a demarcação de espaço de atuação diverso da Liga Brasileira de Higiene Mental²; o segundo reforçaria uma das preocupações teóricas do intelectual: a psicologia deve ser vista e trabalhada como uma ciência social, adquirindo sentido ao agir no meio social, influenciando a sociedade.

Quanto à última reedição (póstuma) considero o retorno do primeiro subtítulo como retomada do *locus* original do trabalho de cunho inovador, uma maneira de reafirmar as ideias do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental (SOHM) e não dos Serviços que o substituíram.

[... creio que foi a primeira experiência brasileira da instalação de clínicas de Higiene Mental, nas escolas, articuladas a tarefa pedagógica. Certo que já possuíamos organizações de higiene mental, como a Liga Brasileira, já citada, com seus serviços e clínicas, contudo no seu ativo grandes e generosas realizações.

Coube, porém, ao nosso Serviço, a prioridade do reconhecimento oficial da instalação de clínicas de higiene mental nas escolas públicas do Rio de Janeiro (RAMOS, 1951, 4ªed, p. 24).

Se o livro não circulou nos “meios oficiais”, pelas palavras do próprio autor, dificilmente circulou de maneira mais ampla na sociedade. O número de edições, os anos de sua publicação e sua ausência do cenário científico demonstra o lugar a obra no cenário editorial.

A obra de Arthur Ramos foi sendo “esquecida”, e tal efeito pode ser compreendido, segundo a estudiosa de sua trajetória Luitgarde Oliveira Cavalcanti de Barros (2005), “à medida que se apagava a lembrança de sua atuação no cenário intelectual do país, seus livros desapareciam das livrarias, não sendo reeditados a partir de finais da década de 1970” (p. 52).

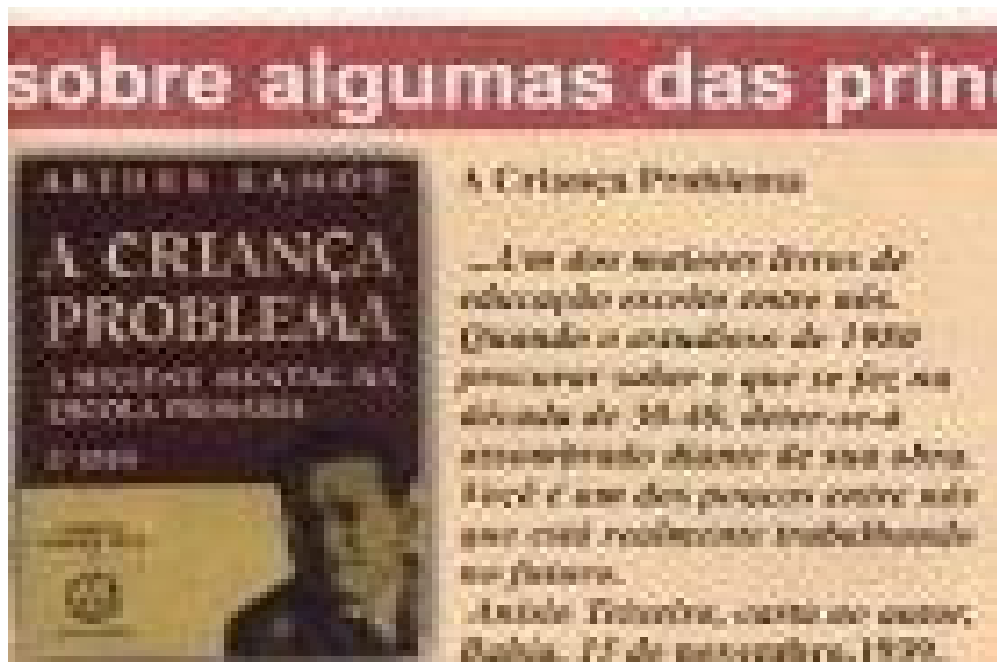


Fig. 22 – Primeira Edição do Livro “A Criança Problema” – Higiene Mental na Escola Primária – Companhia Ed. Nacional.

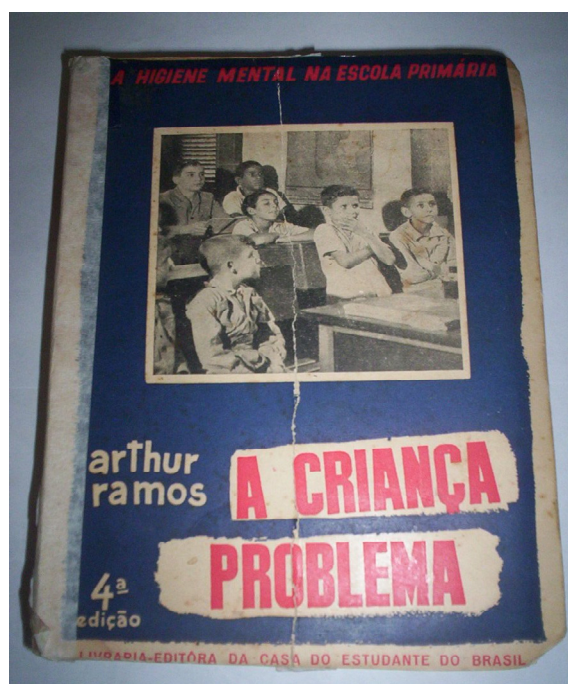


Fig. 23 – Quarta e última Edição do Livro “A Criança Problema” – A Higiene Mental na Escola Primária – Livraria Editora Casa do Estudante do Brasil- Acervo de fotos pessoais

Concebidos como um espacio abierto a múltiples lecturas, los textos (pero también todas las categorías de imágenes) no pueden ser captados ni como objetos de los cuales bastará señalar la distribución ni como entidades cuya significación estaría clasificada sobre las utilizaciones que los fueron constituyendo históricamente. Esto nos plantea dos preguntas: ¿Qué es leer? ¿Cómo restituir las lecturas del pasado? (CHARTIER, 2002, p.39)

A primeira edição de “A Criança Problema” é publicada pela BPN – Companhia Editora Nacional³ – São Paulo- Rio de Janeiro – Recife - Porto Alegre- Biblioteca Pedagógica Brasileira. As demais, incluindo póstumas, em número de três, são editadas pela Livraria - Editora Casa do Estudante do Brasil⁴, tendo a 2ª e 3ª edição o mesmo ano: 1947.

Maria Rita de Almeida Toledo (2001), em sua Tese de Doutorado, estuda a Coleção Atualidades Pedagógicas, editada pela Editora Nacional entre 1931 e 1981.

Ao pesquisar a importância das editoras, destaca a Companhia Editora Nacional, pelo porte de sua produção, mas pelo fundo editorial que adquiriu e fez publicar. A Nacional foi responsável por editar

coleções de livros importantes para a cultura brasileira como, por exemplo, a Biblioteca Pedagógica publicada entre 1931 e 1960 [...]. Foi responsável pela publicação de autores de renome como Fernando Azevedo, Anísio Teixeira, Oliveira Vianna, Nina Rodrigues, Gilberto Freyre, Celso Furtado, por exemplo (TOLEDO, 2004, p. 2).

Toledo, refazendo a trajetória da Companhia Editora Nacional, recupera o lugar ocupado pela mesma, ao substituir a Monteiro Lobato e Cia, falida em 1925, sem modificar-lhe padrões editoriais anteriores. Em carta, transcrita por Toledo, Lobato (1927) faz suas considerações á Godofredo Rangel sobre técnicas editoriais.

A nossa nova empresa editorial vai com todos os ventos favoráveis [...]. Queres ver como entre nós não as coisas evoluindo e como já está ficando yankee a nossa técnica editora? Anos atrás, na vela companhia, quando tirávamos de uma obra 3.000, todo mundo achava que era arrojo. Pois, hoje começamos com 10.000; se a obra tem qualidades excepcionais. [...] E soltamos uma avalanche de papel sobre o público como se fosse droga de farmácia, um Biotônico. Anúncios, circulares, cartazes, o diabo. O público tonteia, sente-se asfiziado e engole tudo. [...] Editar é fazer psicologia comercial. (LOBATO, 1956, p. 298-299, in Toledo, 2004, p. 3).

A Editora Nacional está articulada com a história do livro na educação brasileira, e com intelectuais. Um exemplo dessa rede autor-editor é a Biblioteca Pedagógica Brasileira, projeto e edição da Nacional, de Fernando Azevedo. No contrato estabelecido entre Azevedo e a Nacional (1930) caberia a Azevedo.

Organizar e dirigir a Biblioteca pedagógica Brasileira, mediante plano aprovado pela Companhia Editora Nacional, que se reserva o direito de aceitar ou não, depois de exame rigoroso, as propostas que lhe forem apresentadas; examinar as propostas de originais dos autores e obras que se lhe forem apresentadas; examinar as propostas de originais dos autores e obras que se enquadrem dentro do plano da Biblioteca, dando parecer sobre essas obras, cuja publicação será resolvida em última instância, se o parecer for favorável, pela Companhia Editora Nacional, que não poderá porém, editar sob a rubrica “Biblioteca Pedagógica Brasileira”, sob a direção de "Fernando Azevedo”, nenhuma obra que não tiver a aprovação expressa do Sr. Fernando Azevedo [...]; a não retardar, além do tempo que for necessário para o estudo escrupuloso, os pareceres que a Companhia Editora Nacional lhe solicitar, sobre livros destinados á Biblioteca Pedagógica Brasileira e as soluções que tiver de dar à questões que interessem à organização e direção dos serviços que por este contrato lhe são confiados. (Companhia Editora Nacional-contrato de 14/12/1930). (TOLEDO, 2004)

Somente a 1ª edição (1939) do livro “A Criança Problema” faz parte da Biblioteca Pedagógica Brasileira, ligada à Cia. Editora Nacional. Além dessa edição a Cia. Editora Nacional, em São Paulo, publica de Arthur Ramos: Educação e psicanálise (1934), O Negro Brasileiro (1940). O livro “A aculturação negra no Brasil” é editado em 1942, no Rio de Janeiro, pela Cia. Editora Nacional.

A última edição do livro “A Criança Problema” (1951) pela Livraria-Editora Casa do Estudante do Brasil, e não mais foi reeditado. Todas as edições do livro “A Criança Problema” podem ser encontradas na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, no Setor de Livros e Obras Raras, ou em alguns sebos espalhados pelo Brasil.

Todo livro possui inúmeras intencionalidades: as do autor, do editor, dos leitores, e também os mais diversos usos. Entre as várias intencionalidades de Ramos no ato da escrita do livro e sua publicação, considero a estratégia de produzir a maior visibilidade social possível ao Serviço e seus participantes diretos; responder academicamente aos críticos às abordagens defendidas por Ramos; manter o confronto como estratégia, frente aos demais intelectuais.

Era importante na conjuntura onde o “nacionalismo-conservador” se fazia presente buscar manter sua atividade no contexto do Estado Novo de Vargas, levando aos círculos de discussão os suportes teóricos que sustentava, produzindo a face de combate contra os técnicos dos testes massivos e os “doutos criminólogos”.

O Serviço ainda tentou sobreviver a esse período de sombras. Mas, uma santa inquisição de bravos censores – embora não formulasse abertamente nenhuma alegação contra o Serviço – não lhe permitiu o funcionamento perfeito numa atmosfera de liberdade que é aquela onde se possa fazer realmente ciência.

Se quiséssemos reencetar esse Serviço nos dias de hoje – 1947 -, veríamos como tudo andou realmente para trás (RAMOS, 1951, p. 8).

Na conjuntura política vivida em 1939, com vários afastamentos, prisões (incluindo a do próprio Arthur Ramos), modificação nas relações pessoais e institucionais, Arthur não levou em consideração a capacidade que teria esse novo livro para encontrar ou produzir seus leitores pretendidos.

Organizado em três partes, a primeira tem o título de “As Causas” organizadas como uma “lista”.

- a) Herança e Ambiente
- b) A Criança Mimada
- c) A Criança Escorraçada
- d) As Constelações Familiares
- e) O Filho Único
- f) Avós e outros parentes

A primeira parte consta de nove capítulos. Ramos (1955), em cada um deles, estabelece o mesmo protocolo de escrita. Inicia argumentando sobre o tema do capítulo, traz as observações das fichas/inquérito, que no livro adquirem uma ordenação numérica diferenciada das escolas, tratando-as com uma nova ordenação.

No Capítulo sobre “Meio Ambiente” discute duas posições: *“para uns, essas causas estaria no próprio homem, para outros estaria nas condições externas” (ibidem, p.31)*. Discute sua posição sobre a relação entre hereditariedade e raça, tema presente nos debates: *“mas, quando os observadores quiseram passar ao estudo dos cruzamentos de raça, e especialmente, da herança de caracteres psicológicos, quantos erros, quantos abusos cometidos!” (ibidem, p. 32)*.

Na página 37 descreve a amplitude que defende para o trabalho de higiene mental: *“todos os Círculos Sociais – de família, de religião, dos vários agrupamentos espirituais, recreativos, as várias instituições... – tudo isso tem que ser investigado do ponto de vista da Higiene Mental, que penetra ‘intersticialmente’ na urdidura íntima”*.

A razão para essa “invasão”, defendida com tanta assertividade, encontra-se no conjunto de esferas da sociedade a serem “tocadas de ciência”. *“O homem tem que ser estudado dentro do círculo complexo das influências de meio, cósmico e social. [...] A antropogeografia, a cosmobiologia, encarregam-se hoje desse estudo” (p.37).*⁵

Na continuidade da argumentação, Ramos deixa claro qual o modelo teórico ao qual se filia para pensa a “higiene mental”.

[...] é imensa e complexa a ação do meio cultural. O homem é o produto da sua civilização e da sua sociedade. Esse estudo é o objeto específico da sociologia e da antropologia cultural, ciências que a higiene mental vai pedir auxílios inestimáveis. O comportamento humano varia no tempo e no espaço. Opiniões, atitudes, desejos, a própria lógica humana, variam na história e na geografia. A ‘cultura’ impregna o indivíduo, dá-lhe fachada característica. Os culturalistas se distanciam assim das conclusões anticientíficas extremadas da higiene

racial, quando estudam o comportamento humano em termos de cultura e não em termos de raça. Sendo o homem produto de sua cultura e da sociedade, constitui uma enorme tarefa da higiene mental, o estudo dos fatores culturais e sociais que condicionam o comportamento humano (p.37).

Pude compreender as palavras de Anísio Teixeira sobre o livro. Escrito nos idos de 1930, encontrarmos argumentações como acima e, nos deixando surpreender, encontramos um intelectual à frente de seu tempo vivido, um pensador complexo.

A base das visitas aos lugares de moradia, em vários meios, nas palavras do autor, tem importância: *a casa onde a pessoa passou os primeiros anos da sua existência está associada as suas primeiras impressões da vida. [...]. Nas fichas do SOHM indagamos aspecto material da habitação [...], aspecto psico-social [...].*

Discorrendo sobre a importância do meio-ambiente, Ramos explicitará o encontrado nas “visitas”, dando margem a duas interpretações diferenciadas de pesquisadoras dos dias atuais.

Todos esses dados são registrados e interpretados nas observações que enchem este volume. Quantas coisas inesperadas temos encontrado! As condições de vida da criança carioca explanadas sob o ponto da higiene mental. Os dois pólos da sua vida em casa: ou a criança mimada, vivendo como prisioneira no lar, cercada de cuidados, impedida de procurar o contato com os meninos da vizinhança, ou a criança do ‘morro’, ‘da favela’, do ‘barracão’, em vida promíscua, dormindo em condições precárias (p.39)

As observações de Ramos motivaram a Profa. Maria Helena Souza Patto (1995) a analisar.

Neste ponto, é importante ressaltar, nos casos relatados por Ramos, a identificação de “péssimos modelos a imitar”, de hostilidade na relação pais-filhos, de atos delinqüências e vícios geralmente ocorria nos estudos de caso de crianças do “morro”, da “ favela”, do “barraco”. Tendo em vista as idéias que este autor defendia a respeito da natureza primitiva da mentalidade do povo, não é descabido supor que estas descrições da vida sócio-familiar na pobreza partiam do pressuposto da natureza primitiva da psicologia e da cultura das classes populares. (p.106).

Sobre os mesmos “casos”, a Profa. Clarice Nunes (2000) argumenta.

“foi dentro do Serviço de Higiene Mental que Arthur Ramos iniciou um largo inquérito sobre as “modalidades de pensamento psicológico” e das “representações coletivas”, estudando as religiões de origem “negro-fetichista” do país. Foi também aí que propôs a criação de círculos de pais e mães, cuja colaboração com o Serviço por ele dirigido era solicitada a fim de uma atuação conjunta sobre os “maus hábitos” da primeira e segunda infância. Nessa perspectiva o Serviço estudou os casos da “criança mimada”, da “escorraçada”, da “caçula”, da “adotada”, (...), do “escolar proletário”, (...). Estudou as características das habitações sobre a personalidade infantil, as atitudes dos pais (rígidas ou muito condescendentes) e a influência das avós sobre o caráter da criança. (p.361).

Como o leitor toma o texto e o transforma, muitas vezes com uma noção pré-concebida do que deseja encontrar, distancio-me da interpretação feita pela Profa. Maria Helena Souza Patto e me aproximo da feita pela Profa. Clarice Nunes.

Em uma leitura mais cuidadosa ficamos duvidosos se Ramos está “opondo” os lugares de moradia ou os pólos limites que, para o intelectual, produzem efeitos na vida das crianças. Mas, não há nas fichas/inquérito ou no livro indicativo de “classificações” ou “representações” das crianças feitas, somente, por seu lugar de moradia.

A história das leituras deve tirar proveito da constatação destes distanciamentos e considerar que, se o leitor é um efeito do texto, ele é também seu criador (CHARTIER, 2002, p. 116).

Como criadora do texto, o refaço a partir do próprio autor o qual após as observações que levaram as interpretações acima, escreve:

Estas observações bastam para mostrar como é perigoso o diagnóstico simplista da criança, isolada dos seus círculos de influência. Considerada num corte da sua personalidade, sem as amarras que a prendem no tempo e espaço, a criança nunca se apresenta em seus aspectos reais da vida.

O heredologista apelaria para as famosas leis da herança e falaria em “taras”, e outras coisas; o psiquiatra puro faria diagnósticos com rótulos pomposos, na classificação de uma “anormalidade” ou “psicopatia” qualquer; o testólogo (o aplicador de tests) apelaria para o atraso mental, visto ter achado um QI abaixo da média... Quanta ilusão, porém! Vejam-se as duas observações precedentes. Em ambas se falaria erradamente de anormalidade, de atraso mental, ou de taras nervosas, “constituições delinqüências”... que sei mais?(p.41)

A polêmica levantada pode levar a equívocos, mas nenhum pesquisador está imune a eles, para além da seriedade no exercício do seu ofício. *A projeção do desejo, sem qual não há pesquisa, não é incompatível com os desmentidos infligidos pelo princípio da realidade (GINZBURG, 2002, p.44-45)*

Na segunda parte do livro encontramos “Os Problemas”:

- a) A Criança Turbulenta
- b) Tiques e ritmias
- c) As Fugas escolares
- d) Os problemas sexuais
- e) Medo e Angústia
- f) A pré-delinquência infantil; a mentira
- g) A pré-delinquência infantil: os furtos

A conclusão, intitulada “Tratamento e Assistência”, recebe o tratamento escriturário de um capítulo onde Arthur Ramos faz uma articulação com a Introdução, complementando-a com uma “escrita retrospectiva” das bases do Serviço, além de tecer considerações sobre a relação entre “A escola e o lar” e “O Círculo de pais e professores das escolas”.

Ao final, Ramos acredita ter definido, através do desenrolar dos capítulos, o conceito de “criança problema”, em confronto com o de “criança anormal”, chamando atenção para

Um ponto dominante na Escola Nova, a colaboração estreita entre a escola e o lar. A escola já não é mais considerada como desempenhando simples atividade de instrução, desinteressada do aspecto educativo em geral da criança. Hoje é um centro de grande atividade social, centro de coordenação e de disciplina, onde se aprendem, não só as matérias instrutivas, mas as disciplinas de vida. Ela é chamada a intervir intensa e largamente na vida do lar e educando (RAMOS, 1955, p. 388-389).

4.1.1- A outra volta do parafuso⁶

Em todos os capítulos do livro “A Criança Problema” os exemplos empíricos vêm das fichas de observações oriundas das escolas. Há controle das fichas/inquérito com o

objetivo de unificar o discurso através da “reorganização” das respostas vindas das escolas e da “nova” arrumação das fichas para compor o livro, firmando didaticamente a marca constitutiva de “manual”.

O cotejamento das fichas/inquérito com os relatos dos casos das crianças, que sustentam as argumentações do autor do livro, leva-nos a perguntar sobre o sentido dado a cada uma das fichas/inquérito no contexto da escrita de Arthur Ramos.

O quadro abaixo, construído a partir do Capítulo do livro “A Criança Mimada”, nos dá uma idéia, parcial, sobre o método utilizado para compor as observações pertinentes a cada parte do livro. As fichas são rearranjadas pelo “problema”, constam as principais observações sobre a criança, incluindo habitação e cor. São minhas as observações na coluna Falas e Final do encaminhamento.

FICHA	ESCOLA	SEXO/IDADE	QUEIXA	COR	MORADIA	OBS: FALAS E FINAL
1- n° 10	Argentina	Menino/ 15	Vive na rua / maus tratos	B	Habitação coletiva/ um quarto	- interno do Inst. João Alfredo/antes na Colônia de alienados de Jacarepaguá/ falas do menino/ não há terminalidade
2 –n° 2	Estados Unidos	Menino/8	Dificuldade de aprendizagem/ insociável	B	Barracão no morro	Não há fala da cr. Não há terminalidade
3 – n° 111	Bárbara Otoni	Menina /7	Choro/medo	B	Sem indicação	Nacionalidade russa-1938 anotado sua completa adaptação a escola.
4- n° 109	Manoel Bonfim	Menino/13	Mimada/ medo/ aprendizagem fraca	B	Casa alugada, vila, confortável	-pai falecido, casa do tio materno, feita orientação sem anotação de resultados
5- n° 239	Bárbara Otoni	Menina /7 anos	Mimada	Parda	Casa alugada, acomodação para a criança, vida no lar tranqüila	- lues congênita - problema facilmente corrigível. A ficha não anota a terminalidade.
6- n° 54	Manoel Bonfim	Menina/7 anos	Medo de escuridão/ tímida	B	Casa alugada, bom aspecto, acomodação para a cr.	- lues congênita - pai advogado - orientação à mãe. A ficha não anota terminalidade.
7- n° 1	Argentina	Menino/10	- dominar os companheiros - mimado	B	Casa alugada, vila, sem acomodação para criança	- na ficha vinda da escola: é uma criança de meio bom. Tem a desvantagem de ser caçula, o que o leva a ser tratado com mimo.
8 – n° 290	Manuel Bonfim	Menino/10 anos	- mimado, desobedece -fanfarrão,	B	Casa alugada, bom aspecto, acomodação para a cr.	- orientação à mãe dada pela Escola. A ficha não anota a terminalidade
9- n° 138	Bárbara Otoni	Menina/11	Mimo	B	Casa de vila, aspecto agradável, acomodação para a cr.	- anotada bronquite - aconselhado afastamento da escola para tratamento orgânico.
10- n°243	Argentina	Menina/10	Obediente, dominadora, sociável, alegre, autoritária	B	Casa alugada, pátio para brincar, acomodações para cr.	- aprendizagem boa - toma conta dos irmãos - a ficha não indica nenhum encaminhamento

11 – nº 106	Bárbara Otoni	Menina/9	MIMADA Dominadora, vaidosa, presunçosa	B	Casa alugada, bem localizada, jardim na frente, dois pavimentos, acomodação para cr., bem arejada	- pai holandês - mãe belga, boa educação - fazem passeios e excursões - vão ao cinema - a cr. fala francês e espanhol - COM A ORIENTAÇÃO DADA PELO SERVIÇO , PARA CORRIGIR O NASCISISMO DAR-LHE TRABALHOS DE RESPONSABILIDADE, INSTRUIR OS PAIS SOBRE OS MIMOS EXCESSIVOS, A MENINA PODE ADAPTAR-SE MELHOR AO REGIME DA ESCOLA
12 – Nº 269	Argentina	Menino/9	Pardo	Mimado. Tendência a dominar, brigas, mente, insociável, agressivo	Casa alugada, em “avenida”, sem acomodação para a cr., dorme com os pais.	O Serviço esclareceu a situação, orientando os pais na maneira de agir com a criança. Não há anotação dos resultados.
13- nº 102	Manuel Bonfim	Menino/10	B	Atormenta os colegas, mimado, fanfarrão, mente, furtos	Casa alugada, bom aspecto	Orientação empregada; instruir os pais, mostrando-lhes os inconvenientes do excesso de mimos. Correção do narcisismo dando tarefas de responsabilidade. A cr. Tornou-se mais adaptada ao regime escolar. - pai sírio
14- nº 115 -	Bárbara Otoni	Menina /12	Parda	Muito nervosa Parada Queixa-se de dor de cabeça Disciplinada -lues congênita -mimada	Casa de pensão, boa aeração, acomodação para a cr.	- a ficha termina com uma composição da menina e nenhuma anotação sobre orientação dada. - há observação de tendência a esquizoidia.
15 – nº 5	Gen. Trompowsky – clínica de pré-escolares do SOHM	Menino/4 anos	Não consta	Mimado	Não consta	- entrevista com a mãe, orientação do Serviço . Três meses depois o menino esta perfeitamente acomodado.
16 – nº 16	Gen. Trompowsky-clínica de pré-escolares	Menino/3 anos	Não consta	Manhoso Mimado	Não consta	Esta gostando da escola, mais adaptado. Não há nenhuma anotação sobre orientação do Serviço .
17- nº 17	Gen. Trompowsky	Menino/4 anos	Não consta	Chora muito Não se acomodou na escola	Não consta	Vinha se adaptando a rotina da escola. Não há anotação de orientação do Serviço .
18- nº 10	Gen. Trompowsky-clínica de pré-escolares	Menina de 5 anos e 2 meses.	Alemã	Mimada, só entende a língua alemã, sentimento de comunidade deficiente	Não consta	Dificuldade de contato direto com os pais. Os pais não mais procuraram a Escola e a menina foi internada no São Sebastião, vindo a falecer.

Chamo atenção para aspectos da observação onde só consta uma palavra: mimado (a). A anotação feita em várias fichas, no exame médico, de “lues congênita”, repertório médico do período, significa quadro de sífilis. Como outras doenças o quadro de “lues

congênita” tinha alto índice de prevalência na cidade. Poucas fichas trazem o encaminhamento dado pelo Serviço e algumas não têm terminalidade.

Como “bom manual”, seu manejo é fácil e previsível. O livro pode ser aberto em qualquer dos capítulos, encontrando indicativos de como agir para solucionar os “problemas” relacionados. Por exemplo: se há interesse em saber sobre “filho único” como causa de problemas abre-se o capítulo relativo ao mesmo na “causa” e busca-se posteriormente o “problema” para saber como conduzir; com a vantagem de encontrar similaridade entre sua situação particular e um dos casos relatados.

O próprio das produções culturais é que é preciso produzir a crença valor do produto, e que essa produção da crença, um produtor não pode jamais, por definição, dominar sozinho; é preciso que todos os produtores colaborem nisso, mesmo que combatam. A polêmica entre intelectuais faz parte da produção da crença na importância do que fazem os intelectuais. (BOURDIEU, in CHARTIER, 2009, p. 240)

A organização escrituraria do livro acaba por produzir com mais força o contrário da afirmação de Ramos (1955): *Não há a “criança-problema (p.44)*. Possibilita, com todas as argumentações do autor, fortalecer e reificar o conceito de “criança problema” e não problema da criança.

Substituição de uma representação produtora do “diferente” por outra. Uma representação talvez menos cruel, mas não menos amarga. Afinal quem quer “ser um problema”? “Ser um problema” é tomar-se “o problema” como uma essência do sujeito, muito diferente de “ter um problema”, situação da qual ninguém está imunizado.

Mesmo com o chefe do SOHM e autor do livro ressaltando:

Não há a “criança problema”, como tipo único de reação, e sim “problemas” da criança, em graus variados, subindo a escala de uma complexidade crescente, para a solução desses “problemas”. Devemos armar a equação da criança com os termos fornecidos, em primeiro lugar pelas pessoas e “imagens” da ambiência familiar (RAMOS, 1955, 4ªed. p 44)

Este “olhar” para as crianças não se tornou à concepção predominante. Até hoje é corrente o emprego dentro das escolas e nas ruas, de forma afirmativa: aquela criança é uma “criança problema”. *A produção de subjetividade constitui matéria prima de toda e*

qualquer produção (GUATTARI&ROLNIK, 2005, 8ªed. p. 36) e cumpre seu ciclo quando, interiorizada, a subjetivação é naturalizada.

Com cada capítulo trazendo exemplos oriundos das fichas/inquérito estas funcionam como um dispositivo de “homogeneização”, sendo agrupadas pelo “problema” que dão veracidade aos títulos dos capítulos do livro. Servindo como “exemplos”, apagam as marcas das diferenciações possíveis em cada um daqueles sujeitos cujas vidas são tornadas públicas sem consentimento.

Controle também dos envolvidos, nas escolas, no trabalho de observação, levantamento das informações, anotação do comportamento dos (as) alunos, indicações de tratamento, etc. Controle do chefe do Serviço sobre as fichas/inquérito, pois as mesmas não são colocadas na totalidade. Há escolhas para fazerem parte desse ou daquele capítulo do livro, com um grau maior ou menor de interferência na sua forma original.

Ao todo o livro traz 252 fichas/inquéritos, de 2000, que não constam na sua totalidade no acervo Arthur Ramos da Biblioteca Nacional. No livro, por escola, as quantidades são as do quadro abaixo, não constando da listagem as fichas das escolas que não fossem chamadas “experimentais”.

Exceções encontradas são demandas oriundas da Escola Dr. Coccio Barcellos, e fichas utilizadas por Arthur Ramos, de trabalhos fora das escolas, de suas observações particulares.

Escolas	Número de fichas utilizadas no livro
Escola Bárbara Ottoni	49
Escola General Trompowsky	23
Escola Manuel Bonfim	37
Escola Argentina	48
Escola Estados Unidos	63
Escola México	32

Cotejando as fichas/inquérito encontradas, na Sessão de Manuscritos da Biblioteca Nacional, com as utilizadas no livro, durante grande parte da pesquisa confirmei a hipótese de que as fichas encontradas no acervo, por algum motivo, haviam sido desprezadas para constarem do livro. A hipótese foi derrubada ao ler a ficha que consta na página 375 do livro, no capítulo que discute “A Pré-Delinquência Infantil: os

furtos”. O número da ficha é 140, enviada pela Escola México. No livro é a obs. 269. A ficha/inquérito pertence à menina cujos bilhetes encontrei na pasta da escola México.

Obs: 269 (Escola México, ficha nº 140 do SOHM). L.S.M, menina de 11 anos, cor branca. O pai, brasileiro, trabalha na polícia e é professor num Colégio da capital; muito enérgico e falastrão, castiga os filhos com pancada, com correia, ponta-pés, etc...; a mãe procura intervir nestes momentos e apanha também; no entanto, procurando o Serviço um contato com ele no sentido de orientá-lo no tratamento da filha, escreve longa carta em que se diz muito a par das conquistas da escola nova; transcrevemos alguns textos sem comentários:

- “a colaboração dos pais e professores é assunto já, que constitui pleonasma...”; “... a influencia da família sobre a Escola é realmente extraordinária: o lar prepara o coração da criança e a escola a inteligência”.

“... Embora eu tenha trazido da Escola para a vida, o horror aos processos e ensinamentos do meu tempo, conservo, porém, certa ojeriza a determinados métodos atuais, em que a inobservância a certos princípios matemáticos como a inexistência do aprendizado da “tabuada”... etc”... Cooperarei com as vossas competentes e esforçadas auxiliares, às quais, também, L. dedica verdadeiro amor e até o fim do ano letivo se achará em condições de obter o Diploma do Curso Primário... Não será precedente; termos o caso de Humberto de Campos, com a D. Marocas; o do Marechal Von Hindenburg, que último aluno de sua classe foi Presidente da República Alemã e é hoje uma das glórias universais. O de Mussolini, que não estava em harmonia de nível intelectual, e Antônio Vieira, antes do estalo... mas hoje é o pensamento de milhões de seres humanos, etc...”

A mãe, brasileira, lava para fora, trabalha muito em casa até tarde da noite. Irmão de 14 anos está num internato. As informações são de pura fantasia: o pai é falecido; o atual é apenas padrasto; teria uma irmã casada⁹ ‘agora vai ter um bebê, estou tão contente de ser tia...), outra irmã solteira é telefonista (“junta um dinheirinho para mim...”); outro irmão, etc. um verdadeiro delírio de imaginação. A menina exhibe equimoses e cicatrizes, que diz serem em consequência de pancadas do pai. Moram em casa alugada, de bom aspecto, com acomodação para a menina. Nada de anormal na história obstétrica materna. Algumas dificuldades no desenvolvimento da criança: alimentação, fala... Atualmente, queixa-se de prisão de ventre, dores de cabeça e pelo corpo, etc. A mãe relatou que há quatro meses a menina teve um corrimento sanguíneo.

Na escola, tem tendência a dominar, mente e furta. É suscetível, nervosa, dócil, triste, imaginativa, teatral (grifo nosso). Afora a hiperatividade imaginativa, nada de anormal nas outras funções psíquicas. Aprendizagem boa. Pesa 39K500, tem 1m48 de altura. O exame orgânico revelou o seguinte: “mucosas muito descoradas; manchas hipocrônicas no rosto; corrimento vaginal; dor nos pontos ovarianos; fígado um pouco aumentado; gânglios Ricord; cervicais e inguinais; conjuntivas ictérias; dentes mal conservados”.

Do seu registro de observações:

“1936 – Queixa-se muito do pai. Diz que é “padrasto”; mas nas conversas, esquece-se e chama-o de pai: “Meu pai é muito bruto; espanca minha mãe, não dá dinheiro nem para roupa nem para comida... as jóias de minha mãe bota no prego... tem outras mulheres...meu irmãozinho pequeno vive abandonado...mas minha mãe, coitada, gosta muito daquele homem...”E ainda: “Eu sou uma moça e ele me trata mal...tão mal...Quando me bate, grita e os vizinhos escutam uma porção de inconveniências e grosserias. Eu já abandonei a casa, mas foi para ganhar um dinheirinho como criada. Ele me descobriu e me espancou. Tenho o corpo marcado...”

Fez uma subscrição, no ano passado entre os colegas, dizendo-se autorizada pela professora de jogos. Este ano, foi surpreendida, fazendo nova “coleta” para ir à Embaixada do México, em retribuição à visita do Embaixador.

“1-9-1936 – L. chegou com uma carta muito pretensiosa, que me mostrou dizendo que a professora lesse em voz alta aos colegas para que todos conhecessem as razões por que não vem sempre bem vestida...”

Queixou-se à guardiã de sentir os seios muito doloridos, dizendo já ter leite, tanto que as vezes umedecia a roupa...

Continua a fazer queixas de casa. Diz que o pai é padrasto e “até mesmo isso ela duvida que fosse, pois quando seu pai “morreu”, ela estava fora e quando voltou, encontrou “aquele homem” em casa...” E continua: “minha mãe diz que casou com ele, mas eu não posso acreditar porque então devia ser bom para nós e não é. Até nela ele dá; tenho tanta pena, ela é tão mocinha, tem 27 anos; casou-se com 13 e 14 tinha um filho... Meu irmãozinho é muito interessantezinho, até ele meu padrasto espanca quando chora. Eu faço tudo para ele e só o chamo de filhinho...” Quer ser literata e dançarina, mas a mãe prefere que ela seja professora.

25-9-36 – *Têm aparecido furtos de dinheiro na Escola. L. é suspeita, mas acusa as companheiras.*

29-9-36 - *L. se tornou também suspeita no caso do furto de 104\$000 de um dos serventes. Os colegas suspeitaram dela, porque neste dia, ela trouxe muito dinheiro e chocolate. Desapareceu dinheiro de sua professora. Premida pelas suspeitas, a menina escreveu à diretora o seguinte bilhete: “Dona J. – Tirei 25\$000 de Dona Z., \$600 de Dona V., e 6 passes de \$300 desta. Somente estas quantias, arrependida estou, quero eu tirar esta mancha feia, tornando-me uma aluna, sem maus sentimentos. Espero que a senhora me perdoe, reconheço que tem sido uma verdadeira mãe para mim. Peço-lhe por mim, pedir desculpas a Dona Z., o caso da N. eu me responsabilizo (ass). L.*

Confessou alguns logros que tem pregado à Escola. Disse que não tinha padrasto e sim pai e que tudo o mais era mentira; prometeu nunca mais mentir. L... escreve para o suplemento infantil de um dos jornais da capital – resumo de aulas que ouve na Escola, etc. Os pais, porém não sabe que a menina leva esses trabalhos ao jornal.

“Outubro de 1936 – L. tem faltado à Escola. A nosso chamado, a mãe contou-nos que L. já uma vez fugiu de casa para empregar-se. Foi encontrada um ou dois dias depois em casa de uma família nortista, com o ordenado de 40\$000 mensais, por serviços leves; aceitaram-na por compaixão, pois disse que precisava de muito dinheiro para auxiliar a mãe que era viúva e tinha muitos filhos. Queixou-se de que quando os alunos são dispensados mais cedo (exemplo: a morte de um vereador) ou mesmo quando não há aula, L... engana os pais e fica passeando. L. entrou na sala que falávamos com a mãe, e pediu consentimento para ir ao cinema: iam ser distribuídas algumas entradas; era a primeira e talvez a única oportunidade. “Não minta!” – replicou a mãe - “Não vai! Sua mãe já não pode com você... V. está insuportável, acho que vou interná-la; não posso mais!...” L... insistia e a mãe, buscando o máximo de energia, bradou-lhe: “não vai! Retire-se, ouviu?” Ainda na frente da filha, pedia-nos desculpas da maneira brusca com que falava. E a menina indiferente...

“Novembro de 1938 – L... continua com as mentiras e os embustes...”

A ficha/ inquérito de Lucíola (seu nome) tornou-se um dispositivo para compreender os usos feitos das mesmas no livro e a ressignificação pela qual passaram nas mãos do autor. Por que? Sua pasta é das mais longas encontradas, constituída de 11

páginas datilografadas. Encontra-se a carta do “padrasto”, com seu cartão de apresentação; dois bilhetes manuscritos escritos pela criança; observações resultantes da “imaginação” da criança como sinal de inteligência, e outras como sinal de embuste.

Há várias observações de sua aproximação com Neusa, também enquadrada como “criança problema”. A pasta de Neusa, volumosa, narra suas saídas furtivas da escola para ir ao Teatro Municipal, onde era conhecida. Fazem parte relatos do desejo de Neusa ser atriz, suas “fantasias”, suas “mentiras”, causas principais de ter sido “fichada”.

Com tantos controles e atitudes de punições “por que a memória escolar é repleta de saudade?” (Nunes, 1996, p, 160).

A literatura e as entrevistas ajudam-nos a compreender este ponto. A grande distância psicológica entre as gerações levava a criança a buscar apoio e companhia no grupo da sua idade construindo a solidariedade através de mecanismos específicos que contestavam a (falsa?) ordem imposta pelo mundo do adulto. O roubo, a mentira, o perigo e o segredo criavam um universo à parte. A raiva e as punições não conseguiam impedir a amizade (ibidem, p.160).

Retorno aos dois bilhetes:

“Espero que a senhora me perdoe, reconheço que tem sido uma verdadeira mãe para mim.

“Peço-lhe por mim, pedir desculpas a Dona Jozelia, o caso da Neusa eu me responsabilizo”.

“D. Juracy

Tirei 25\$000 de Dona Jozelia, \$600 de Dona Vera e seis passes de \$300 desta.

“Somente estas quantias tirei, arrependida estou, quero tirar esta mancha feia, tornando-me uma aluna sem maus sentimentos”.

Dois bilhetes e não um, como no livro a observação dá a entender. Os bilhetes não têm assinatura da aluna e “somente estas quantias tirei” sinaliza ao leitor outras acusações de furto, encontradas na pasta e no livro, lhe foram atribuídas. Ramos, combatendo os “doutos criminólogos”, ao escolher a ficha de Lucíola para compor o capítulo, com a queixa principal de furtos e mentiras, acaba por criminalizá-la, pois só

criminalizando-a sua ficha poderia fazer parte do capítulo “A Pré-Delinquência Infantil: os furtos”.

A observação, como consta no livro, omite que o “padrasto” era realmente “padrasto”, professor de Matemática de escola com muito prestígio na Capital, Colégio Pedro II, e há coerência nas suas argumentações, concordemos ou não com elas. Ao final da carta, o pai/padrasto coloca-se ao lado da escola na tarefa de resolver “os problemas” de Lucíola, tendo como objetivo o avanço da menina nos estudos, lembrando não haver defasagem série/idade no desempenho escolar da criança.

O livro de Natalie Davis “Pour sauver sa Vie. Les récits de pardo nau XVI siècle”, investiga as cartas de perdão do século XVI. Parece-me necessário pensar os diversos sentidos dessa ação escrituraria. A singularidade das cartas está na narrativa da culpa dos crimes e do pedido perdão, buscando alcançar o Outro. O enunciado é o desejo dos “escritores das cartas de perdão” serem vistos como sujeitos sem “mácula”, pertencentes ao conjunto da sociedade “civilizada”.

Natalie Davis inscreve a posição do discurso que implica o pedido de perdão entre os dispositivos que progressivamente impõem o respeito à autoridade.

[... categoria particular de relatos de archivos – las cartas de remisión- como se hizo recientemente com los relatos de história, formulando la misma pregunta: em qué condiciones puede aceptarse que lo que cuenta enuncia la verdade de lo pasó. Estos textos, en los que um suplicante relata su crimen com la esperanza, geralmente satisfecha, de obtener el perdón Del rey, fueron elegidos por una doble razón. Por um lado, las cartas de remisión son indudablemente los únicos documentos del siglo XVI que proponen verdaderos relatos, organizados e armados, que emanan de todos los grupos sociales, incluíndos los más humildes (p. 140).

Nas fontes pesquisadas não encontramos qualquer registro de retorno dado pela autoridade a quem eram dirigidos os bilhetes das crianças e as cartas dos responsáveis encontradas.

Observações recortadas constroem outro texto, constrói UMA representação da criança distante da que é possível vislumbrar na ficha. Afinal, quem era Lucíola, quem eram as “crianças problemas” como o livro as descreve?

As crianças das fichas/inquéritos e do livro, de fato, existiram como são descritas? Sobre quais vidas transformadas em fontes de pesquisa nos debruçamos?

Aproximamos-nos das representações feitas das vidas desses sujeitos e, apenas, vislumbramos as vidas dos sujeitos reais? São sujeitos que ilustram os capítulos nos quais a obra se divide; “*ilustrações capazes de dimensionar a função criadora ou produtiva do poder*” (Foucault, 1992, p. 23).

Ressalta, ainda, Foucault.

Uma história correlativa da alma moderna e de um novo poder de julgar; uma genealogia do atual complexo científico-judiciário onde o poder de punir se apóia, recebe suas justificações e suas regras, estende seus efeitos e mascara sua exorbitante singularidade. (p.23)

Foucault ao discutir o poder de julgar como uma genealogia do que denomina “complexo científico-judiciário”, sinaliza regras as quais o trabalho obedece. Duas considero transversalizando o discurso apresentado no livro “A Criança Problema”.

1 – Não centrar o estudo dos mecanismos punitivos unicamente, em seus efeitos “repressivos”, só em seu aspecto de “sanção”, mas recolocá-la na série completa dos efeitos positivos que eles podem induzir, mesmo se à primeira vista são marginais.

2 -... Em resumo, colocar a tecnologia do poder no princípio da humanização da penalidade quanto do conhecimento do homem.

(p.23-24)

O intelectual que na Introdução do livro, resultante de um Serviço ao qual se dedicou, escreve:

A grande maioria, porém, podemos dizer os 90% das crianças tidas como “anormais”, verificamos na realidade serem crianças difíceis, “problemas”, vítima de uma série de circunstâncias adversas, que analisaremos neste livro, e entre as quais avultam as condições de desajustamento dos ambientes social e familiar” [...] Não se trata igualmente de nenhuma cerebrina “constituição delinqüencial” (Ramos, 1939: p.13)

é o mesmo que ao enunciar a possibilidade da delinqüência joga sobre o corpo e a alma de uma das crianças, que desejava poder ser vistas de outra perspectiva, uma das formas mais gerais de castigos legais: “*a escuridão, a violência e a suspeita*” (Foucault,

p.95). “A Criança Problema” é um livro desconcertante, pois, embora prometa (re)fazer a história da violência contra as crianças, o que o leitor ali encontra é uma sofisticada análise da mudança das relações entre poder e corpo; entre vigilância e prevenção; entre o saber que a escola produz e o saber da família e da “comunidade” onde vive.

O pesquisador tem dificuldade de estranhar sua fonte, porém é esse ato de estranhar que o leva a compreender melhor sua implicação com o tema. Tratando o livro “A Criança Problema” como objeto e fonte de pesquisa, percebo as contradições do autor do livro. Logo, é desse lugar – do que estranha, mas acolhe – que confrontamos a afirmação de Ramos (1955, 4ª ed.) e sabemos apreciá-la pela atualidade que contém.

As crianças “caudas de classe” nas Escolas, insubordinadas, desobedientes, instáveis, mentirosas, fujonas... na sua grande maioria não são portadoras de nenhuma “anomalia” moral, no sentido constitucional do termo. Elas foram “anormalizadas” pelo meio. Como o homem primitivo cuja “selvageria” foi uma criação dos civilizados (Ramos – Culturas Negras, p. 22) também na criança o conceito de “anormal” foi, antes de tudo, o ponto de vista do adulto, a consequência de um enorme sadismo inconsciente de pais e educadores...”(p. 18).

4.2–Autor e Editor

Após terem sido negligenciados por bibliográficos e historiadores, os livros passaram a ser objeto de interesse dos pesquisadores, de maneira mais sistemática, de uns trinta anos para cá, segundo Choppin (2004).

As estratégias editoriais de produção e circulação de objetos impressos são eficazes na produção simbólica de formas de “pertencimento” e “aceitação” social. A entrada da cultura escrita no “modo de viver” dos homens revolucionou a relação entre o texto e a oralidade.

É possível ter uma prática a qual poderá finalmente controlar, domesticar e fazer com que se obedeça ao poder que todo texto encerra?(FABRE, in CHARTIER, 2009, 4ª ed., p. 216)

Fora da escola e de suas pedagogias formalizadoras, a conquista do saber ler supõe, ao mesmo tempo, a entrada em uma cultura já penetrada e trabalhada pelo escrito, mesmo se este for conhecido apenas pela mediação de uma palavra e pelo conhecimento memorizado dos textos, depois reconhecidos, recortados e decifrados no livro. (CHARTIER, 2009, p.21)

A relação entre autor e editor encontra-se na temática ampla da história do livro e da leitura, onde se inclui a supremacia da leitura escrita em relação a leitura oral, produzindo novos modos de encontro com o texto, maneiras de leitura as quais, cada vez mais, se transformaram num ato individualmente solitário e, geralmente, silencioso.

Para Roland Barthes as bibliotecas são espaço do recalque da voz e da expansão do corpo. Para Pierre Bourdieu estamos de tal maneira habituados a essa maneira de ler um texto sem referi-lo a nada além dele mesmo que nós a universalizamos inconscientemente, embora seja uma invenção relativamente recente. (BOURDIEU, in CHATIER, 2009, p. 233)

Não há somente uma forma de linguagem, logo não há somente uma forma de leitura. Há descrições escritas, por mais pormenorizadas que dêem conta de rituais, teatralizações? Essas formas de produção textuais apresentam a capacidade persuasiva das tradições. Bourdieu (2009) instiga:

Existe uma escrita das práticas? E, nesse ponto, como procurei mostrar nos trabalhos antropológicos que realizei, os etnólogos cometem freqüentemente um erro em sua relação com as coisas que descrevem, notadamente em todos os rituais, um erro que consiste em ler as práticas como se tratassem de escritos. (p. 232).

Fabre (2009), no artigo *O Livro e sua Magia*, dirá que *as relações entre etnologia e a coisa escrita sofrem, em geral, de um mal entendido* (p. 201), ressaltando o quanto os livros mágicos exploram e desenvolvem os efeitos simbólicos da leitura, afirmando: *toda mágica é efetivamente prática, ajuste de gestos, posturas, falas e objetos num tempo e num lugar que a intenção – e a tradição – determina* (p. 215).

Necessário refletir sobre possibilidades na produção de leitores através das políticas de leitura. Porque é uma política ditada pelos editores os quais, encarregados da edição e do encontro entre o livro editado e seu leitor, organizam os circuitos de distribuição, os reorganiza, ou impede sua distribuição e sua circulação.⁷

Arthur Ramos como autor tem uma vasta produção escrita, mas ocupando o lugar de editor na relação restrita à atividade, ou na relação entre autor e editor, não manteve equilíbrio constante. O autor Ramos encontrava-se no meio de uma relação intranquã

com o editor; os protocolos de leitura inscritos nos textos; os humores para sua impressão.

Cada livro tem uma vontade de divulgação, dirige-se a um mercado, a um público, ele deve circular, deve ganhar extensão, o que significará apropriações mal governadas, contra-sensos, falhas de relação entre o leitor ideal, mas no limite singular, e de outra parte o público real que deve ser o mais amplo possível (CHARTIER, 2009, 4ª ed., p. 245)

Destacamos, para efeitos desse trabalho, do conjunto de sua produção escrita os livros, por trazerem, alguns, a editora pelo qual foi publicado e indicações de mudanças de editora para re-edições. Na década de 1920, “Primitivo e Loucura” (1926), foi publicado somente pela imprensa oficial no livro de teses, e Sordidez dos alienados (1928).

A década de 1930 é o período de grande produção, com obras publicadas por editoras conhecidas e importantes no cenários dos editores.

- Estudos de Psicanálise (1931)
- Os horizontes místicos do negro da Bahia (1932)
- Psiquiatria e psicanálise (**Rio de Janeiro, Guanabara, 1933**)
- A tecnica da psicanálise infantil... (1933)
- Freud, Adler, Jung ... Ensaio de psicanálise ortodoxa e heretica (**Rio, Guanabara, 1933**)
- O Negro Brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise (**Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1934**)
- Educação e psicanálise (**São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1934**)
- A Higiene Mental nas Escolas: Esquema de Organização (1935)
- O Folk-lore Negro do Brasil: demopsicologia e psicanálise (**Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1935**)
- Introdução à Psicologia Social (**Rio de Janeiro, José Olympio, 1936**)
- A Mentira Infantil (1937)
- Loucura e crime: questões de psiquiatria, medicina forense e psicologia social (**Porto Alegre, Liv. do Globo, 1937**)
- As Culturas Negras no Novo Mundo (**Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1937**)
- Saúde do Espírito - Higiene Mental (**Rio de Janeiro, [Serviço de propaganda e educação sanitária], 1939**)
- Pauperismo e Higiene Mental (1939)
- **A Criança Problema: A Higiene Mental na Escola Primária (São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1939)**

Na década de 1940, ainda com edições sendo publicadas pela Cia. Editora Nacional, vemos tomar a frente nas edições a Livraria-Editora Casa do Estudante do Brasil. O livro lançado através da União Nacional dos Estudantes tem relação direta com a Casa do Estudante do Brasil, pois esta Associação de Estudantes “nasce” na CEB, tendo sua presidente Anna Amélia Carneiro de Mendonça como presidente da mesma até a cisão entre a CEB e a UNE, quando a UNE torna-se autônoma.

- O Negro Brasileiro (São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1940)
- A aculturação negra no Brasil (Rio de Janeiro, Cia. Editora Nacional, 1942)
- Guerra e Relações de Raça (Rio de Janeiro, Departamento Editorial da União Nacional dos Estudantes, 1943)
- La poblaciones del brasil (Mexico, Fondo de Cultura Economica, 1944)
- As Ciências Sociais e os problemas de após-guerra (Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1944)
- Introdução à Antropologia Brasileira, 2 v. (Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1943/1947)
- A Criança Problema (2ª e 3ª edições – Estudos de Psicologia Social(Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1947)
- A Organização dual entre os Índios Brasileiros (Rio de Janeiro, C. Mendes Junior, 1945)
- Cultura e Ethos (Separata de Cultura, n. 1, 1948 - Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação)
- A Renda de Bilros e sua aculturação no Brasil / com Luiza Ramos (Rio de Janeiro, Publicações da Sociedade Brasileira e Antropologia e Etnologia, 1948)

Publicações póstumas

- Estudos de Folk-lore: definições e limites, teorias de interpretação (Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1951)
- Le Métissage au Brésil (Paris, Hermann et Cie. Éditeurs, 1952)
- A Criança Problema – A Higiene Mental na Escola Primária (Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1951)
- O Negro na Civilização Brasileira (Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1956)
- A mestiçagem no Brasil (Maceió, EDUFAL, 2004)

Na listagem demos destaque ao livro “ A Criança Problema”, pela implicação do mesmo com o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental e por ser discutido neste trabalho.

Damos ênfase também a proximidade de Arthur Ramos com a Sra. Anna Amélia C. Mendonça, considerando a relação editorial entre eles a que, de fato, Ramos manteve de mais sólido. Ao morrer em 1971, Anna Amélia C. Mendonça, através da

Casa do Estudante do Brasil, encaminhava o projeto de reeditar toda a obra de Arthur Ramos.

Editou alguns livros, porém com seu falecimento não foi adiante a iniciativa. Repetindo a análise de Luitgarde Oliveira Cavalcanti de Barros (2005) “*à medida que se apagava a lembrança de sua atuação no cenário intelectual do país, seus livros desapareciam das livrarias, não sendo reeditados a partir de finais da década de 1970*” (p. 52).

4.2.1- O autor e a editora

Quem foi Anna Amélia Carneiro de Mendonça?

Ana Amélia nasceu no Rio de Janeiro no dia 17 de agosto de 1896. Passou a infância em uma fazenda no interior de Minas Gerais, onde recebeu instruções de professoras estrangeiras: aprendendo inglês, francês e alemão.

Anna Amélia foi profundamente ativa para o reconhecimento da mulher no Brasil. Dirigiu durante dois anos a página feminina do Diário de Notícias. Foi a primeira mulher a ser membro do Tribunal Eleitoral (1934), fazendo parte também de uma mesa apuradora.

Nomeada por Getúlio Vargas representante do Brasil, participou do I Congresso Feminista Internacional, da Woman League International, em Istambul, 1935. Nesta época era vice-presidente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Foi delegada do Brasil de 1941 a 1943 na Comissão Interamericana de Mulheres.

Funda em 1939 a Casa do Estudante do Brasil⁸, com sede especialmente construída, era uma instituição voltada para o intercâmbio cultural entre os estudantes, fazendo circular suas produções através do periódico Rumo, onde eram publicados artigos sobre o ensino, história do Rio de Janeiro e do país, debates de temas atuais. Sua Livraria-Editora, inicialmente situada no Largo da Carioca, 11, 2º andar, no centro do Rio de Janeiro, transfere-se para a Praça Anna Amélia⁹ 9, 4º andar, centro do Rio de Janeiro, próximo à Santa Casa de Misericórdia.

Culta, Anna Amélia C. Mendonça entre seus muitos interesses tem atenção especial para a publicação de periódicos e livros. É responsável pelas publicações do livro “A Criança Problema”, após a exoneração de Ramos e na edição póstuma do livro (a última) encontramos um necrológico, sem autoria, que traz uma representação do

intelectual colocando-o em patamar elevadíssimo. Todos os demais livros de Ramos reeditados pela CEB trarão o mesmo texto - “Coleção Arthur Ramos”.

Arthur Ramos de Araújo Pereira nasceu em Pilar, Alagoas, em 7 de julho de 2009.

Fez os estudos primários na cidade natal e o curso secundário em Maceió. Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1921, tendo concluído o curso em 1926, quando defendeu a tese de doutorado, Primitivo e Loucura, e foi aprovado com distinção. No ano seguinte, foi laureado com o Prêmio Alfredo Brito, na Faculdade que cursará. A sua bibliografia geral é constituída de 467 trabalhos originais publicados em crônicas, artigos, ensaios e livros. Entre cursos, conferências, discursos, comunicações que realizou, teses que defendeu, seminários e mesas redondas, contam-se 96. Exerceu, entre outros cargos, o de catedrático de Antropologia e Etnologia da Universidade do Brasil, Chefe do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, Professor de Psicologia Social da UDF, Chefe do Serviço de Higiene Mental do Departamento de Educação do Rio de Janeiro.

Enumerar as opiniões a respeito de sua personalidade invulgar e de seus estudos eruditos e pioneiros emitidos por representantes máximos da cultura universal seria escrever cerca de 100 (cem) páginas, o que equivale a dizer: **foi um sábio, cuja memória deve orgulhar todos os brasileiros, em geral, e os homens de cultura, em particular, no mundo inteiro**” (grifo nosso).

Anna Amélia C. Mendonça, utiliza os espaço da Casa de Estudante do Brasil, suas ligações com instituições no exterior¹⁰, buscando fazer a Editora Livraria Casa do Estudante do Brasil cumprir o papel e dever de divulgar cultura e servir aos mestres e alunos de Ciências Sociais de nossas Universidades.

Membro atuante na Associação Brasileira de Educação ocupou cargo no Conselho Diretor da ABE, por diversas vezes.

Utilizava vários canais para divulgação das palestras e debates promovidos pela CEB, inclusive a Radio Sociedade durante a direção de Edgard Roquette Pinto. Arthur Ramos organizou palestras solicitadas por Dona Anna Amélia no auditório da instituição.

Se concordarmos com Bourdieu sobre as práticas de leitura e as intenções contidas nas publicações de livros e nos seus usos, podemos considerar o livro “A Criança Problema” como depositário de “segredos” educativos. Um receituário sobre a arte de bem viver como prática cultural.

Há um efeito de erradicação da leitura como necessidade de informação: aquele que toma o livro como depositário de segredos, de segredos mágicos, climáticos, (com o almanaque para prever o tempo), biológicos, educativos, etc. que possui o livro como um guia de vida, como um texto ao qual se pergunta a arte de viver, sendo o modelo o livro por excelência, a Bíblia. Penso que o sistema escolar tem esse efeito deplorável – esta expectativa – pode-se admirá-lo ou deplorá-lo – esta expectativa de profecia, no sentido weberiano de resposta sistemática a todos os problemas da existência. Penso que o sistema escolar desencoraja essa expectativa e, de uma vez, destrói uma certa forma de leitura. Penso que um dos efeitos do contato médio com a literatura erudita é de destruir a literatura popular, para deixar as pessoas enormemente despojadas, isto é, entre duas culturas, uma cultura originária abolida e outra erudita que se frequentou o suficiente para não mais poder falar da chuva e do bom tempo, para saber tudo o que se deve dizer, sem ter mais nada para dizer. (BOURDIEU, in CHARTIER, 2009, 4ª ed. p. 241)

Para Circe Bittencourt (2004)

Diferentemente dos pesquisadores de livros didáticos, estudar os autores não foi muito usual na história do livro. A nítida distinção entre o trabalho de escrever um texto e o de fabricar um livro foi alvo de estudos que se voltaram sobre a materialidade dos livros, especialmente entre os ingleses. Entre os franceses as pesquisas se voltaram mais sobre a circulação do livro, a posse desigual pelos diferentes grupos sociais e a diversidade das práticas de leitura. O foco era o conteúdo do texto e seus signos, mas excluía-se o autor (p. 478).

Devido às inovações tecnológicas impostas pela fabricação dos livros, o copidesque, o papel do revisor, equipes editoriais, etc. o lugar do autor, cada vez mais, vai deixando de ser figura central, tornando-se uma figura diluída.

Na produção, circulação, usos dos livros, os livros didáticos tornam-se mercadoria que gera lucros altos, Circe Bittencourt salienta perguntas inevitáveis: qual a função do autor? Autor entendido como escritor do texto. Quais seus direitos de propriedade em a relação à obra produzida? Destaca-se nessa equação de vários elementos tanto o papel do Estado como das editoras.

Qual lugar ocupou o autor Arthur Ramos? Qual lugar ocupou como editor?

Luiz Castro Lima¹¹ cita a “Biblioteca de Divulgação Científica”, coleção dirigida por Arthur Ramos na Editora Civilização Brasileira, publicando principalmente estudos

sobre o negro. O 1º volume é do próprio autor/editor: O negro brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise (1934).

Na coleção são publicados volumes relacionados a Nina Rodrigues¹², Edson Carneiro¹³, Josué de Castro¹⁴. A mesma coleção é relançada em 1937.

O espaço editorial Editora Guanabara, dirigida por Afrânio Peixoto lança a “Biblioteca de Cultura Científica” e nesta são publicados livros de Ramos. Em Porto Alegre, em 1937, a Livraria do Globo lança a “Biblioteca de investigação e cultura”, organizada e dirigida por Josué de Castro, com o 1º volume a publicação de “Loucura e Crime: questões de psiquiatria, medicina forense e psicologia social”, de 1937.

Três nomes cujas trajetórias se cruzam desde a Bahia construindo uma rede de ações editoriais em torno do grupo. Uma ação estratégica de circulação de produção intelectual.

A pesquisa temática dos autores, na história, mostra o poder de editoração que alguns possuíam, ou ligações muito próximas com outros autores que possuíam editoras. Uma rede de produtores de livros, editoras e vendas, não sendo fato recente, tornou-se uma rede mercadológica bastante dividida em grupos de poder que articulados definem o destino dos autores.

Chartier (1998) recorre a Foucault (1992): O que é o Autor?

O nome de autor não está situado no estado civil dos homens nem na ficção da obra, mas sim na ruptura que instaura um certo grupo de discursos e o seu modo de ser singular. [...] A função do autor, é assim, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior da sociedade. (p.46)

A figura do autor, atravessada por conflitos, tensões, jogos de interesses, acordos e discriminações, tem sua consolidação marcada pelo que Bittencourt (2004) chama de “sábios, políticos e professores em ação” e essa produção, tinha/tem como interesse central à formação moral dos mais jovens e, ao mesmo tempo, temor de que as classes trabalhadoras pudessem se instruir e aspirassem à mudança de sua condição, reforçando a contradição contida no “projeto civilizatório” pensado para o Brasil. Ao projeto concebido e praticado chamo de modernização conservadora.

Na disputa pela escrita e circulação dos livros há outras figuras como o pseudônimo, o autor anônimo e o autor de fato por trás do autor nomeado. Tais

disputas, aproximando a figura do autor e editor, contribuem para diluir a primeira, entrando em cena a figura do Estado que, de acordo com seus interesses em cada período histórico, estimularia uma ou outra vertente de produção de livros, sua tiragem e circulação pelas escolas brasileiras.

Interesses em disputa junto a conjunturas políticas específicas dirão qual livro, quando e onde pode circular. Quem esteve envolvido na produção, uso, circulação do livro “A Criança Problema”? A primeira edição de “A Criança Problema” fica pronta após a exoneração de seu autor e na conjuntura do Estado Novo de Vargas. São esses os motivos de Ramos (1947) declarar que o livro não teve “*nenhuma repercussão nos meios oficiais então responsáveis pela educação no Distrito Federal*” (p.9)

Os intelectuais e políticos são conhecedores dos efeitos produzidos por este dispositivo nos leitores. Sendo o objetivo projetado alcançar como leitores professores, famílias, a população em geral, presentes na escola ou outros lugares, caso as idéias que fazem circular os alcance, dependendo do contexto sócio-políticos podem ser consideradas perigosas. Não há nenhuma neutralidade em objetos textuais ou iconográficos.

Choppin (2004) no artigo: História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte, referindo-se à pesquisa encontramos pontos argumentativos convergentes.

- 1- interesse manifestado pela área da História ou por historiadores da educação
- 2- interesse de populações por recuperar ou criar uma identidade cultural
- 3- o desmantelamento do bloco comunista e o aparecimento de movimentos regionalistas com reivindicações de grupos minoritários
- 4- avanço na história do livro desde 1980, com publicação de grandes obras de síntese
- 5- o progresso das técnicas de armazenamento, tratamento e difusão de informações
- 6- constituição de equipes e centros de pesquisa e de redes científicas internacionais
- 7- as incertezas sobre o futuro do livro impresso

Menos espelho e mais “tela”. Podemos encontrar nos livros aspectos mais explícitos de sua produção e intencionalidade, mas é na sutileza da “tela” que o pesquisador deverá mergulhar (sem se perder) para perceber suas nuances e sutilezas, tanto no que ele expressa na sua narrativa, como no que silencia.

Nasce daí a obsessão pelos manuscritos perdidos numa disciplina destinada ao confronto de objetos impressos e a separação radical entre o texto em sua identidade perfeita e ideal e suas múltiplas encarnações, no livro e na página, sempre incorretas e deficientes (CHARTIER, 2002, p.63).

NOTAS

¹ Polícia Política da Ordem Social.

² O movimento de higiene mental surgiu com a criação da Liga Brasileira de Higiene Mental. Fundada no Rio de Janeiro, em 1923, por Gustavo Riedel, tinha como objetivo primordial a melhoria na assistência aos doentes mentais.

³ A Companhia Editora Nacional, com Biblioteca Pedagógica Brasileira (B.P. N) e a Coleção Brasileira foram fundadas, organizadas e dirigidas por Fernando Azevedo.

⁴ A Livraria- Editora Casa do Estudante do Brasil estava ligada à Casa do Estudante do Brasil, fundada por Ana Amélia Carneiro de Mendonça. Foi presidente vitalícia da CEB até seu falecimento em 1971.

⁵ Na argumentação Arthur Ramos indica os estudos brasileiros de Annes Dias e a escola de cosmobiologia.

⁶ Homenagem ao conto de Henry James – A Outra Volta do Parafuso.

⁷ Roger Chartier em variadas publicações de sua autoria traz a público as estratégias de poder presentes nas políticas editoriais.

⁸ Hoje a Casa do Estudante do Brasil está ligada ao Ministério Público do Rio de Janeiro, seu acervo não foi encontrado na minha ida a mesma. Sua filha Bárbara Heliodora, gentilmente, respondeu-me por e-mail que após a morte da mãe a família não mais manteve contado com a CEB, não possuindo informações sobre a atuação da mesma.

⁹ Na praça que leva seu nome há um busto de Anna Amélia Carneiro de Mendonça, inaugurado com discurso de Paschoal Carlos Magno.

¹⁰ A Casa do Estudante do Brasil é reconhecida como de utilidade pública. Membro da “Fédération Internationale des Organisations de Correspondances et d’Échanges Scolaires”; do “Student Service”; do “Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura” da UNESCO; Premiada pelo Governo da França com “Diploma de Grande Prêmio”.

¹¹ Luiz Castro Faria participou da configuração do campo antropológico brasileiro, iniciando sua atuação pelo Museu Nacional, em 1936.

¹² Publicado os títulos “O animismo fetichista dos negros baianos” e “As coletividades anormais”.

¹³ De Edson Carneiro os títulos “Religiões negras” e “Negros bantus”.

¹⁴ “Alimentação e Raça” título do livro de Josué de Castro.